

Vândalos estão destruindo Parque da Manteigueira

Nilo De Mingo

O Parque Municipal do Morro da Manteigueira, localizado entre os bairros da Glória e Aribiri, em Vila Velha, está completamente abandonado, dois anos depois de ter sido repassado pela Companhia Vale do Rio Doce para a Prefeitura de Vila Velha. O Centro de Vivência foi totalmente depredado. Na área não há qualquer vigilância e entrar no parque hoje é

muito arriscado devido à presença de assaltantes e marginais. O Plano de Manejo do parque, que previa equipamentos de lazer, trilhas nas matas e áreas de recreação nunca foi implantado. A comunidade da região, que colaborou na definição do que seria feito no local, está decepcionada e sem qualquer perspectiva quanto ao futuro do Parque. Os moradores lamentam a situação e dizem que não têm mais

para quem apelar para salvar o Parque Municipal do Morro da Manteigueira, a única opção de lazer na região. A Prefeitura de Vila Velha lamenta a situação e diz que recebeu as chaves do Parque há um mês e já encontrou sinais de destruição. A secretária de Meio Ambiente da PMVV, Cândida Ramos Donatelli, revelou que já estão sendo buscadas parcerias para recuperar o parque e implantar o Plano de Manejo.

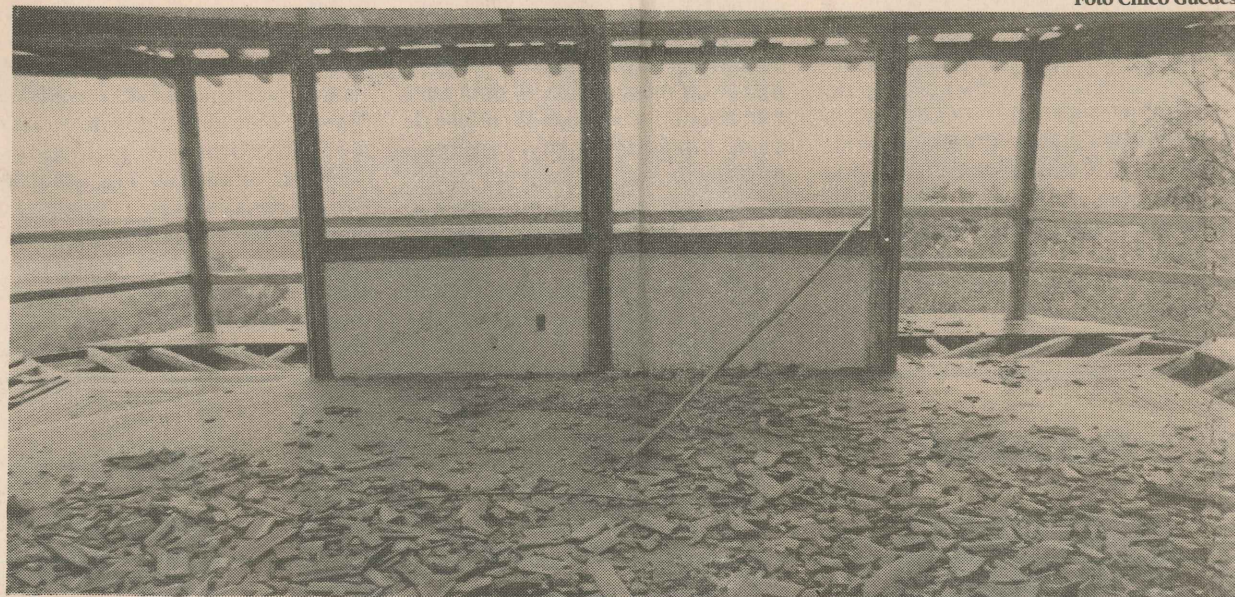


Foto Chico Guedes

O Centro de Vivência construído pela Vale do Rio Doce foi totalmente depredado e virou esconderijo de bandidos

Criação atendeu pedido da comunidade

O Parque do Morro da Mantegueira tem 140 hectares de área e é constituído pelo morro da Mantegueira, morro da Glória, manguezal, morro do Aribiri e áreas planas formadas por aterros. A área pertencia à Companhia Vale do Rio Doce e foi adquirida em 1960, para suprir a necessidade da CVRD de implantar serviços de apoio ao porto Pela Macaco. Já na década de 70, em função de alterações ocorridas na política portuária, acabou não acontecendo a ampliação do porto e a área permaneceu sem uso definido pela Vale do Rio Doce.

Em 1978, o Instituto Jones dos Santos Neves elaborou o Plano de Lazer para a Grande Vitória e para aquela região apresentou a proposta para que ali fosse criado um local de lazer, o "Parque Mirante de Aribiri", o que acabou não sendo efetivado. No começo dos anos 80 a área foi declarada de preservação permanente, o que não impediu a degradação ambiental na região. No final da década de 80 a comunidade local passou a manifestar seu interesse pela preservação e, através de abaixo-assinado, reivindicava sua proteção e transformação em um parque.

No ano de 1989, conforme consta do Plano de Manejo do Parque Municipal do Morro da Mantegueira, elaborado pelo Centro de Pesquisas do Mar, Companhia Vale

do Rio Doce e Prefeitura Municipal de Vila Velha, surgiu uma polêmica em torno do uso da área, quando o Governo do Estado anunciou a sua intenção de implantar no local um conjunto de moradia popular. Contudo, a proposta acabou sendo indeferida pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Seama).

Finalmente, em 1990 o morro da Mantegueira foi declarado Área de Preservação Permanente e as demais áreas do parque classificadas como Zona de Interesse Ambiental. Posteriormente a CVRD manifestou o interesse em ceder a área para a PMVV, que a destinaria à preservação. Para isso, seria elaborasse um projeto que definisse melhor o tipo de unidade de conservação para o local, o Plano de Manejo.

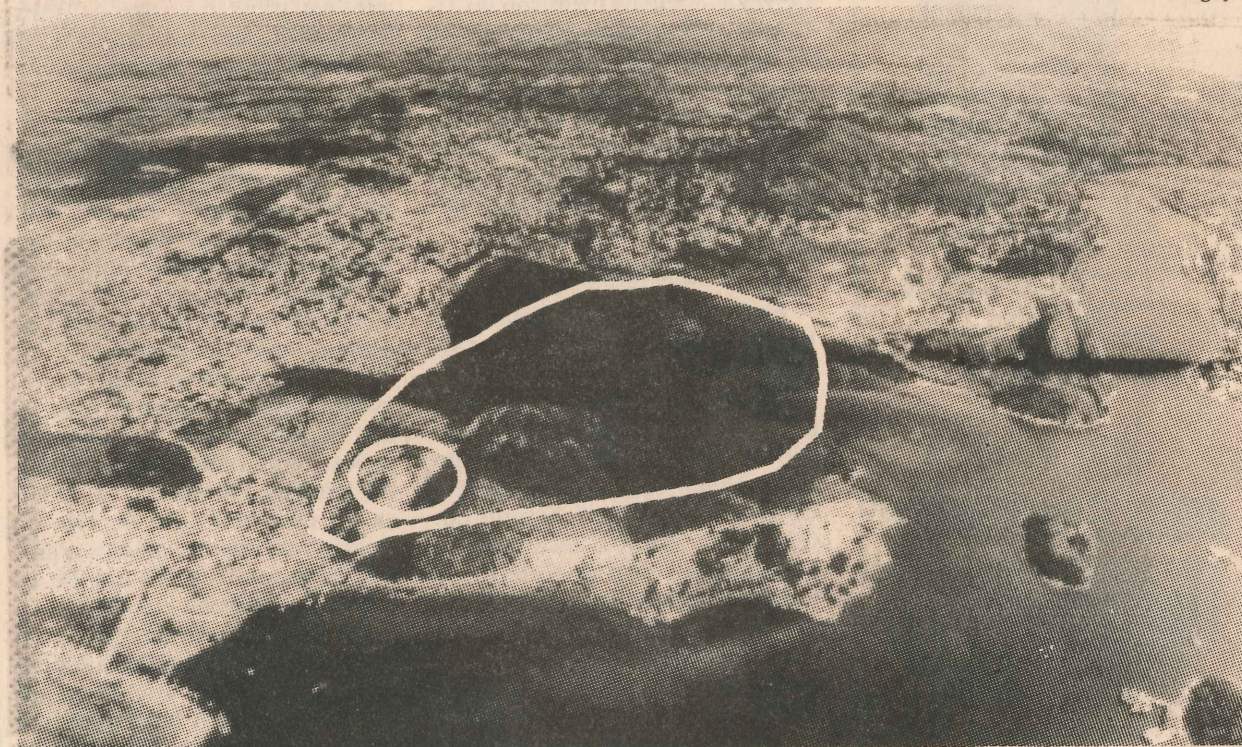
Na elaboração do Plano de Manejo foi feito um levantamento completo sobre a fauna e flora existentes no parque. Em termos de flora foram identificados os seguintes tipos de vegetação: rupestre, campos, macega, capoeirinha, capoeira, alagados, restinga e manguezal e identificada uma espécie em extinção - a quixabeira. Já em relação à fauna, segundo relato obtido junto a moradores e frequentadores da área, foram dadas como existentes no local as seguintes espécies: gambá, sauí-da-cara-branca, tatu-galinha, preá, ouriço cacheiro e tipiti. Foram vistos nos levantamentos an-

fíbios, lagartos e serpentes, como a jibóia, a jararacuçu-do-brejo, a coral e a preguiçosa. Entre as aves foram encontrados sanhaços, trinca-ferros, pica-pau, joão-de-barro, carcará e jacubembas, entre outras.

Concluído todo o levantamento e com a ajuda de uma pesquisa feita a junto à comunidade da região foi definido o que fazer com a área. Ao todo eram sete pontos: 1 - Recuperar e proteger uma amostra de remanescente de Mata Atlântica e de manguezal; 2 - produzir sementes e mudas; 3 - restaurar a paisagem e beleza cênica do Morro da Mantegueira; 4 - contribuir para a proteção do rio Aribiri; 5 - proporcionar educação, visando o respeito público ao meio ambiente; 6 - proporcionar recreação e lazer compatíveis com os objetivos do parque e 7 - possibilitar e fomentar a pesquisa científica de cunho conservacionista.

O Parque teria ao todo oito trilhas nas matas e os seguintes equipamentos: Centro de Vivência, viveiro de mudas, play-ground, ancoradouro, auditório ao ar livre, mesas, bancos e lixeiras, painéis informativos e interpretativos e estacionamento. O Plano de Manejo previa a implantação completa do parque em cinco etapas, o que demandaria cinco anos.

Foto de divulgação



Toda a região do Parque da Mantegueira foi considerada de preservação permanente no começo da década de 80

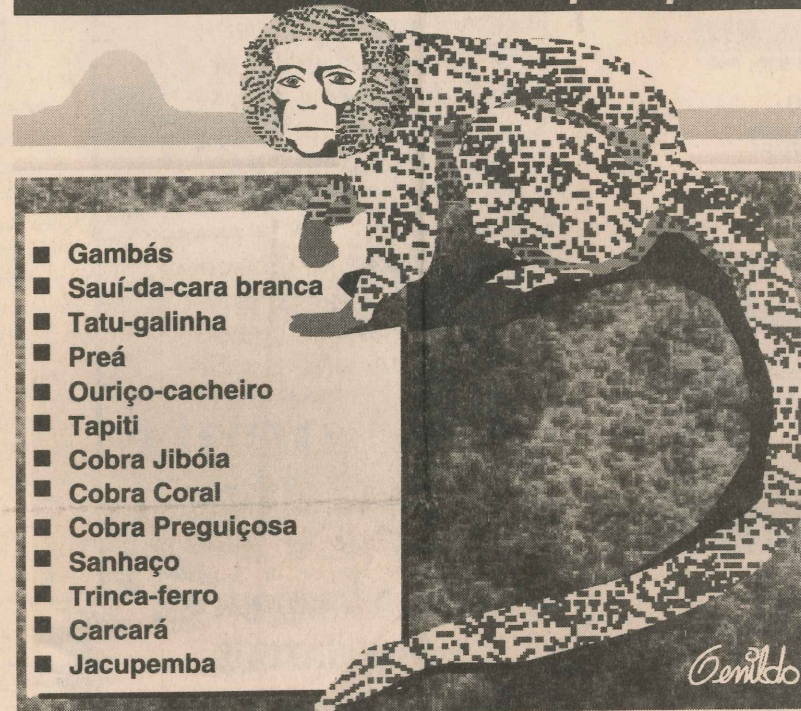
Falta de vigias facilita depredação

Telhas destruídas, portas arrancadas, paredes quebradas, frios do teto e do chão e pias e vasos arrancados. Este é o atual estado do Centro de Vivência do Parque Municipal do Morro da Mantegueira, em Vila Velha. E isso não foi causado por um vendaval ou qualquer outro fenômeno climático. Foi feito pela própria mão do homem, que não encontrou no local qualquer obstáculo para essa ação de puro vandalismo, já que o Parque encontra-se abandonado e sem qualquer vigilância para impedir esse tipo de ação.

A depredação do Centro de Vivência, o único equipamento implantado no Parque, começou a acontecer há dez dias, conforme denuncia o presidente do Movimento Comunitário do bairro da Glória, Josias Antônio Afonso, que não sabe para quem mais apelar para impedir a total devastação e destruição do local. "Já ligamos para a Vale do Rio Doce, para a Polícia, para a Prefeitura de Vila Velha, mas nada conseguimos. O parque, antiga reivindicação dos moradores, está sendo destruído e entrar nele, mesmo ao dia, é risco de vida, dada a presença de bandidos, inclusive armados", disse o líder comunitário. E a prova da presença dos marginais é uma inscrição numa das paredes do Centro de Vivência: "Volta ou morra".

O Centro de Vivência foi construído com telhas colonias, paredes de estuque e colunas de madeira. O piso das varandas e do interior do imóvel é feito com frisos, da mesma forma que a forração. Ao lado do centro, numa torre foi instalada a caixa d'água, com capacidade para 10 mil litros. Esse local foi o único

Fauna existente no parque



a não ser alvo da destruição. No Centro de Vivência todas as portas e janelas foram arrancadas, da mesma forma que a pia e o vaso sanitário existentes no banheiro. As luminárias foram roubadas, assim como toda a fiação elétrica. O piso e o forro foram arrancados e paredes foram quebradas. Praticamente 70% das telhas foram quebradas. Para a recuperação do Centro de Vivência será preciso a sua completa reconstrução, conforme reconhecem membros da comunidade da Glória.

Do lado de fora, o que restou foram algumas espécies de plantas. A grama plantada pela Vale do Rio Doce está morrendo por falta de água ou sendo comida por animais que invadem o parque, como gado e cavalos. Por enquanto não há sinais de destruição da vegetação, mas somente um levantamento mais apurado irá determinar se isso está ou não acontecendo.

Quem mora nas proximidades da entrada do parque pouco fala sobre os atos de vandalismo, temendo algum tipo de represália. Mas alguns revelam que têm ocorrido tiroteios e que pessoas estranhas constantemente invadem o local pulando a cerca ou o

portão principal, que permanece trancado. Há, inclusive, gente que admite saber quem praticou ou participou da depredação do Centro de Vivência, mas por precaução, prefere ficar calado.

A secretária de Meio Ambiente da Prefeitura de Vila Velha, Cândida Ramos Donatelli, revelou que já está a par da situação no Parque da Mantegueira e que lamenta essa situação toda.

"Recebemos as chaves do Parque há um mês e já havia depredação no local, pois mesmo quando estava com a CVRD não havia mais vigilantes no parque. Agora estamos lutando para colocar vigilantes no local", disse a secretária.

Ela informou, ainda, que a Prefeitura está buscando parcerias para implantar o Plano de Manejo do Parque e que ela espera que dentro de aproximadamente 30 dias tenha formalizado essas parcerias. Outra questão é a posse definitiva da área para a PMVV. Legalmente a Vale não pode doar a área. Por isso já foi feito um decreto desapropriando todo o terreno, faltando apenas a sua concretização. Quanto à recuperação do Centro de Vivência, Cândida Ramos informou que está definindo parceiros para realizar a reconstrução do Centro.

Sobre os marginais no local, ela disse que somente com vigilantes armados o problema será resolvido. "Soubemos que as pessoas que estão depredando e invadindo o parque estão armadas e isso tem tornado a área muito perigosa, por isso nossa vigilância terá que ser feita com pessoas armadas", finalizou a secretária de Meio Ambiente da PMVV.